

os donos do inverno

romance

altair martins

Material Digital do Professor

elaborado por

camila canali doval

caroline valada becker

juliana teixeira grönhäuser

ilustrações de

luísa zardo



Sumário

1. Carta ao professor	3
2. Propostas de atividades I	7
3. Propostas de atividades II	10
4. Aprofundamento	13
5. Sugestões de referências complementares	28
6. Bibliografia comentada	35

Texto

Camila Canali Doval

Caroline Valada Becker

Juliana Teixeira Grünhäuser

Ilustrações e diagramação

Luísa Zardo

Edição

Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp

Revisão

Raquel Belisario

LEGENDA



Mais sobre



Pausa para BNCC



Sugestões

1. Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Vamos viajar? Ao ler o romance *Os donos do inverno*, embarcaremos em um carro e pegaremos a estrada, sairemos de Porto Alegre em direção a Buenos Aires, em 2015. Nossos companheiros de viagem serão três irmãos: Elias, um professor de biologia da rede básica de ensino; Fernando, um motorista de táxi; e Carlos, um jôquei. Na verdade, Carlos faleceu há muitos anos, em 1991, e apenas sua memória e sua ossada estão no carro.

O mote da narrativa é insólito e pode soar mórbido, afinal, dois sujeitos carregam os ossos do irmão em um carro. Entretanto, o romance se dedica a pensar sobre o viver (e não sobre o morrer), sobre os vínculos afetivos, sobre o distanciamento entre as pessoas, sobre a saudade. Página após página – ou quilômetro após quilômetro, estrada após estrada –, conhecemos o passado desses três irmãos (Elias e Carlos são irmãos de sangue, Fernando é irmão de criação) e, no tempo presente, o afeto e o reencontro figuram como os elementos mais expressivos da narrativa.

Carlos, certa vez, disse que os cavalos, para ganhar uma corrida, só precisam dar voltas e chegar sempre ao mesmo lugar¹; os seres humanos, por outro lado, ficam olhando para frente e para trás. Em outras palavras, o passado não nos abandona, quem fomos ou o que vivemos, nossas alegrias e nossas dores, nossas conquistas e nossas perdas. Elias e Fernando, no carro, olham para frente e para trás e sempre encontram Carlos, presentificado pelas memórias. O luto e a saudade foram responsáveis por reunir esses dois irmãos de criação que experimentam um verdadeiro acerto de contas, porque o silêncio não é dos mortos, é da ausência.

E a ausência se relaciona à solidão: Elias e Fernando são sujeitos sozinhos, suas casas – como descritas no romance – sugerem variadas ausências em suas vidas. Nesse sentido, a viagem e o reencontro preenchem o vazio, dão fim à solidão.

1 Ao longo deste material, todas as citações retiradas do romance *Os donos do inverno* estão sublinhadas.

Diante das diferentes paisagens que encontram no trajeto (Farol da Solidão, Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Lagoa Mirim, Chuí, Punta del Diablo, Punta del Este, Montevidéo, Colônia do Sacramento, Buenos Aires), memórias são revisitadas e vínculos afetivos, restabelecidos, pois as pessoas são o que a gente lembra. E a gente lembra delas num lugar. Os donos do inverno, entre tantas outras coisas, é um romance atravessado pelo reencontro e pela reconciliação.

Tendo em vista todas essas características, para a elaboração das propostas de atividades apresentadas neste material, buscamos dialogar com as temáticas exploradas por Altair Martins, tais como as fragilidades e as potências das relações humanas, especificamente da relação entre irmãos. Divididas em momentos pré-leitura, leitura e pós-leitura, as atividades convocam os e as estudantes a seguir um trajeto paralelo ao dos protagonistas, desvendando a complexidade dos sentimentos.

Também procuramos oferecer, caro professor, cara professora, um suporte teórico consistente para auxiliar no seu planejamento literário. Ao longo do aprofundamento, organizamos conceitos mobilizados pelo romance e elaboramos uma série de indicações breves, fáceis de consultar, para que sejam úteis no seu dia a dia. Nosso objetivo é ofertar conteúdo e, ao mesmo tempo, sugerir percursos de pesquisa e de intertextualidade – os quais certamente não são os únicos possíveis, mas pretendemos que sejam inspiradores.

Os donos do inverno é um convite ao deslocamento: faremos uma viagem de carro, porém não viajaremos apenas de um ponto geográfico a outro; transitaremos, também, entre o tempo presente e o tempo passado da vida de três irmãos. Junto com eles, reorganizaremos traumas e frustrações para, dessa forma, reencontrar a serenidade.

Introdução às propostas de atividades

Antes de apresentarmos nossas propostas de atividades, vamos explicar como elas estão organizadas neste material e como se relacionam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A leitura desta breve introdução é fundamental para uma efetiva incorporação das propostas ao seu projeto literário.

Na área de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, a BNCC, no que se refere às recomendações para Língua Portuguesa, estabelece que a leitura do texto literário ocupe posição nuclear no trabalho. Conforme o documento, “(...) é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes” (BRASIL, 2018, p. 499).

Nesse sentido foram elaborados os dois conjuntos de propostas de atividades que compõem este material: **Propostas de atividades I** e **Propostas de atividades II**. Esta é a hora de botar a mão na massa, ou melhor, no livro, e não só a mão como a curiosidade, a sensibilidade, a criatividade e todos os demais instrumentos de que dispomos para aprofundarmos a análise do romance *Os donos do inverno*.

As “Propostas de atividades I”, apresentadas no capítulo 2, são direcionadas para as aulas de Língua Portuguesa; as “Propostas de atividades II”, apresentadas no capítulo 3, a seguir, são direcionadas para o trabalho que envolve outras áreas do conhecimento. Cada conjunto de propostas é dividido em três momentos: **atividade pré-leitura**, **atividade de leitura** e **atividade pós-leitura**. Essa separação tem por objetivo instaurar o momento da leitura na sala de aula e fora dela, por isso indicamos que o **planejamento literário** passe pelas três.

Mais sobre

Utilizamos, como consulta para a formulação deste material, a Base Nacional Comum Curricular para a etapa do Ensino Médio, publicada em 2018 pelo Ministério da Educação.

Link: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192BOX

Mais sobre

Letramento literário: teoria e prática, de Rildo Cosson, é um excelente apoio para quem quer fazer do livro literário o centro de atividades significativas. A ideia que o autor desenvolve, sobre formação de comunidades de leitores e leitoras nas salas de aula, é o fundamento das nossas propostas neste material.

- As **atividades pré-leitura** preparam e instigam os e as estudantes para o livro, mobilizando seus conhecimentos prévios.
- As **atividades de leitura** são momentos de troca de estudante para estudante; elas propiciam a leitura coletiva, o manuseio e a exploração do livro, o compartilhamento de impressões, e ainda deixam ganchos para que a leitura individual ganhe espaço na rotina fora da escola.
- Já as **atividades pós-leitura** expandem o convite à leitura para toda a comunidade escolar, partindo da experiência dos alunos e das alunas com o livro.

Por fim, as atividades foram elaboradas tendo em vista contemplar os **campos de atuação social** propostos pela Base. Os **campos**, as **competências** específicas de Linguagens e suas Tecnologias e os códigos das **habilidades** de Língua Portuguesa que se relacionam às atividades podem ser acessados facilmente no Guia da BNCC que abre cada uma delas. Aproveitamos para chamar a atenção para os conteúdos distribuídos em *boxes*, nos quais foram destacados conceitos básicos, dicas, sugestões, bibliografia extra e a descrição das habilidades mobilizadas.

2. Propostas de atividades I

Percursos até o livro: atividades pré-leitura

Guia da BNCC:

Campo da vida pessoal

Competência específica: 3

Código da habilidade: EM13LP19

Nas primeiras linhas do romance *Os donos do inverno*, lemos: O inverno teve um pátio. Dá pra ver na fotografia que não sabemos quando, mas onde aconteceu. O excerto nos traz uma relação entre o registro fotográfico e a memória, como se a cena captada e congelada pela imagem fosse uma possibilidade de apreender um pouco do passado.

Pensando nisso e tendo em vista que a memória é um dos elementos centrais da narrativa, explorar com os e as estudantes um dos textos a seguir, ou outro com a mesma temática:

- O poema “Retrato de família”, de Carlos Drummond de Andrade
- A crônica “Mau menino”, de Antonio Prata

Ainda como atividade preparatória para a produção textual, é possível ler o capítulo 7 do romance, “O apartamento do Elias”, no qual várias fotografias são mencionadas e descritas, e um excerto do capítulo “A casa do Fernando”, no qual os irmãos veem fotos no computador.

Depois de trabalhar as especificidades de cada um dos formatos textuais apresentados (poesia, crônica e excerto do romance), pedir que cada um e cada uma escolha uma fotografia cuja cena retratada tenha relação, em alguma medida, com sua biografia. A partir da imagem, será possível explorar a produção de diferentes gêneros discursivos, utilizando versos ou prosa (ou seja, escrever um

poema ou elaborar uma breve narrativa) para **relatar** aquela lembrança retratada na imagem. Outra sugestão é proporcionar um momento para uma roda de conversa, em que os e as estudantes compartilhem suas fotografias com a turma e realizem relatos orais sobre a infância.



De cara com o livro: atividades de leitura

Guia da BNCC:

Campo da vida pessoal

Competências específicas: 1, 6

Código da habilidade: EM13LP21

No capítulo 16, “Tarde de sábado”, lemos uma cena na qual a música é muito importante: os dois irmãos ouvem canções. Partindo da leitura desse excerto, convidar os e as estudantes a elaborar uma **playlist** para ser ouvida durante a viagem.

O professor e a professora podem apresentar alguns desafios para a elaboração da atividade, tais como:

- escolher canções dos três países visitados pelos personagens;
- pensar em canções para capítulos específicos do livro;
- escolher canções que se relacionem diretamente com algum fato narrado no romance;
- escolher a música-tema de cada personagem.

Depois de elaborar a antologia, os e as estudantes podem criar uma playlist no Spotify (individual ou colaborativa) e criar um título para o “disco”, bem como uma capa (arte) para acompanhá-lo.



Pausa para BNCC

CAMPO DA VIDA PESSOAL

(EM13LP19) Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

Pausa para BNCC

CAMPO DA VIDA PESSOAL

(EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

Do livro para o mundo: atividades pós-leitura

Guia da BNCC:

Todos os campos de atuação social

Competência específica: 1

Código da habilidade: **EM13LP02**

Amanhã, sem pressa, vamos ver como levamos o Carlito de volta pra casa. Essa frase encerra *Os donos do inverno* e aponta, ao mesmo tempo, para o início de uma nova aventura que será protagonizada – ou não – pelos três irmãos.

A partir dessa ideia, o professor e a professora podem conversar com a turma sobre narrativas que apresentam finais abertos, estimulando os e as estudantes a citarem exemplos do seu repertório e a comentarem as sensações que esse tipo de desfecho desperta.

Depois de realizar o levantamento oral, propor a **escrita de mais um capítulo** para o romance, o capítulo 33, que tenha como ponto de partida a frase indicada. Um desafio para a escrita será observar o foco narrativo do romance e a sua relação com o fantástico.

É interessante, ao final, compartilhar as produções de forma coletiva para demonstrar a ideia de que finais abertos dialogam diretamente com a perspectiva pessoal de cada leitor e leitora. Pode ser produzido um mural na escola, um perfil específico para a turma em uma rede social, um blog ou um site em plataformas disponíveis gratuitamente.

Pausa para BNCC

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL (EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

3 Propostas de atividades II

Percursos até o livro: atividades pré-leitura

Guia da BNCC:

Todos os campos de atuação social

Competências específicas: 1, 7

Códigos das habilidades: EM13LP03, EM13LP12

Participam desta atividade: componentes de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Selecionar trechos do romance que mencionam a organização da rota de viagem dos protagonistas para, em seguida, estudar esse trajeto no mapa, reconhecendo o caminho entre Porto Alegre e Buenos Aires.

Depois de estudar essa cartografia do mundo real, será a hora e a vez de pensarmos sobre mapas afetivos: a ideia é construirmos uma cartografia dos sentimentos, localizando em mapas (da cidade, do estado, do país) as pessoas com as quais cada um dos e cada uma das estudantes mantêm vínculos afetivos.

Dessa forma, será possível seguir o estudo dos mapas e até mesmo contabilizar distâncias e prever trajetos (de carro, de ônibus, de avião, de bicicleta).

Pausa para BNCC

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL (EM13LP12) Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas.

Pausa para BNCC

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL (EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.



De cara com o livro: atividades de leitura

Guia da BNCC:

Campo das práticas de estudos e pesquisa, Campo de atuação na vida pública

Competências específicas: 3, 7

Códigos das habilidades: EM13LP27, EM13LP30

Participam desta atividade: componentes de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

À medida que avançamos na leitura do romance, conhecemos Elias, um professor de biologia que se preocupa muito com os animais. Em mais de uma circunstância, durante a viagem dos irmãos, Elias é interpelado por cenas nas quais animais sofrem – por exemplo, a sequência da foca na praia. Além disso, durante a leitura, junto com os protagonistas, conhecemos muitos cenários do sul do país: cidades e lugares nos quais a natureza é muito expressiva.

Pensando nisso tudo (nos animais, na natureza e no protesto dos pescadores), a atividade prevê, primeiramente, um momento de **pesquisa** sobre os ambientes mencionados no romance (Farol da Solidão, Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Taim, Lagoa Mirim). Depois de conhecer os lugares, a pesquisa continua, porém agora com o objetivo de verificar se há **ações (governamentais ou não) para proteção dessas áreas.**

Por fim, encerrar a atividade apresentando aos e às estudantes diferentes situações recentes nas quais o descaso com a natureza fica evidente. Isso pode ser realizado por meio da leitura de notí-

Pausa para BNCC

CAMPO DAS PRÁTICAS DE ESTUDO E PESQUISA

(EM13LP30) Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos colocados e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas.

Pausa para BNCC

CAMPO DE ATUAÇÃO NA VIDA PÚBLICA

(EM13LP27) Engajar-se na busca de solução para problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, entre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade, pelo consumo consciente e pela consciência socioambiental.

cias e de reportagens e será importante, ainda, relacionar os fatos relatados à circulação de desinformação e de fake news.



Do livro para o mundo: atividades pós-leitura

Guia da BNCC:

Campo artístico-literário

Competência específica: 6

Código da habilidade: EM13LP46

Participam desta atividade: componentes de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, outro componente de Linguagens e suas Tecnologias (Arte)

Primeiramente, ler o capítulo 16, “Tarde de sábado”, para, em seguida, dedicar-se ao “Jogo da memória”. Esse jogo terá como objetivo associar os sentidos – especificamente o olfato – à memória.

Para isso, é possível ler algum breve texto que explique, cientificamente, essa relação e, depois, partir para uma atividade prática, a qual precisará organizar alguns “cheiros” (isto é, potinhos nos quais tenhamos alguns itens capazes de despertar o olfato, tais como protetor solar, especiarias – cravo, canela –, alguns alimentos – café, frutas cítricas –, grama, terra molhada, sabonete, balas, temperos etc.). Depois de organizar o material, em aula, pedir aos e às estudantes que fechem os olhos para, então, levar os potinhos, um por vez, para cada aluno e cada aluna, pedindo-lhes que escrevam sobre o que lembraram ao sentir tal aroma. Assim que a dinâmica for encerrada, será possível listar, no quadro, os cheiros e as lembranças a eles associadas.

Um desdobramento interessante para a atividade é elaborar uma produção textual (um breve conto) que narre as memórias convocadas pelo olfato. Os textos poderão ser organizados em uma **mostra** para a escola, acompanhados dos “potinhos com cheiro”, deixando, ainda, um convite aos e às visitantes: “Este cheiro desperta alguma lembrança em você?”.

Pausa para BNCC

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO

(EM13LP46) Compartilhar sentidos

construídos na leitura/escuta de textos

literários, percebendo diferenças e

eventuais tensões entre as formas pessoais

e as coletivas de apreensão desses textos,

para exercitar o diálogo cultural e aguçar

a perspectiva crítica.

4. Aprofundamento

Os donos do inverno e a busca da reconciliação

Os donos do inverno é a história de três irmãos do Sul do Brasil: Carlos, o irmão mais velho, jóquei; Fernando, o irmão de criação, motorista de táxi; e Elias, o caçula, professor de biologia. Eles são responsáveis por nos levar em uma viagem de carro de Porto Alegre a Buenos Aires. Há um detalhe importante a ser destacado: Carlos está morto há muitos anos e sua ossada viaja dentro de uma sacola.

Já no início dessa intrigante narrativa, somos cooptados por um narrador que oscila entre terceira pessoa e primeira pessoa do plural, quando nos deparamos com um nós que, por sua vez, acolhe os três irmãos e, quem sabe, também o leitor e a leitora. Assim como a voz narrativa, o tempo também oscila entre diferentes recortes, nos conduzindo ora para a infância e a juventude dos três, entre os anos 1980 e 1990, ora para dentro do táxi de Fernando, na estrada, no presente da narrativa, em 2015.

A apresentação do elenco que compõe a narrativa se dá em partes: no primeiro capítulo, vislumbramos uma antiga fotografia que registra o dia em que os três brincaram juntos pela primeira vez, o momento em que se tornaram irmãos; no segundo, presenciamos um cavalo baio ruano enfiar a cabeça na janela da sala de aula para convocar Elias a segui-lo pelas ruas de Porto Alegre; no terceiro, descobrimos que Fernando, não pela primeira vez, é solicitado a dirigir até encontrar alguém que já não existe; no quarto, entramos no táxi que nos levará à Argentina; no quinto; reencontramos a égua Onesita e as lembranças que servirão de mapa para a viagem; somente no sexto capítulo conhecemos Carlos, o Carlito, e nos é revelado que ele morreu às vésperas de ir correr uma carreira em Buenos Aires.

De alguma maneira, a ordem da apresentação indica o protagonismo dos irmãos mais novos. Quando os encontramos, estão prestes a se dar conta da passagem do tempo que tornou o irmão falecido o mais jovem dos três: há uma mudança entre o passado,

anos 1980 e 1990, em que Carlito era um jóquei promissor, dono da sua vida, ia a festas, saía com garotas, comprava coisas que Elias e Fernando desejavam (e acabavam herdando depois de usadas), e o presente, 2015, em que os irmãos mais novos é que tomam as decisões e podem, enfim, xingar o irmão mais velho, expurgando as mágoas represadas pelo luto. A viagem tardia a Buenos Aires se torna, então, o mote da narrativa. Mas a estrada não é feita somente de velhas contas a acertar – da janela, aos poucos, se delineiam as paisagens da memória, do afeto, da reconciliação.

Ao mesmo tempo que traça a cartografia dos sentimentos fraternos, a viagem é permeada pelo insólito e pelo fantástico, já que um dos irmãos presentes está morto e o outro, em momentos cruciais, se aconselha com cavalos, que se revelam desde o início elementos-chave da trama. Carlito morreu em 1991 num acidente de moto (cujas circunstâncias ainda geram culpas e acusações entre Elias e Fernando); na viagem, sua presença é representada pela ossada subtraída do cemitério e acondicionada pelos irmãos num isopor de picolé.

O ponto de partida da viagem é a conversação que Elias entabula com um cavalo pela janela da sua sala de aula; o baio ruano aparece para lembrá-lo de que ninguém para quieto fora do lugar. A cena antecipa um elemento recorrente: em outros momentos decisórios, são os conselhos de cavalos a Elias que resolvem situações e fazem a narrativa se mover. É a égua Onesita, no hipódromo de Porto Alegre, que alerta os irmãos sobre o fato de Carlito não estar bem onde está e os orienta a resolver a pendência que ele deixou para trás: correr a última carreira em Buenos Aires.

O livro de Altair Martins tem como pontos nevrálgicos, paradoxalmente, a solidão e o ato de conversar. Percebemos uma ironia quase melancólica estabelecida em cenas como aquela em que Elias pergunta a um cavalo atrelado a uma carroça a direção do restaurante, em vez de indagar o homem que a conduz. Elias, professor de biologia, conversa com os cavalos; Fernando, que trabalha como taxista, com ninguém. O diálogo a que eles *precisam* dar fim começou há vinte e quatro anos, aos socos, no enterro de Carlito;

agora eles têm em torno de mil e cem quilômetros, distância entre Porto Alegre e Buenos Aires, para tentar. A viagem, entendemos, é menos sobre acalmar o espírito de Carlito do que sobre se darem uma oportunidade para finalmente conversar.

A viagem é, portanto, permeada por esse diálogo que, mesmo com tantas paradas – Farol da Solidão, Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Lagoa Mirim, Chuí, Punta del Diablo, Punta del Este, Montevideu, Colônia do Sacramento, Buenos Aires –, não acontece por inteiro. Entrecortada por brincadeiras de infância, lembranças de brigas da juventude, personagens quase anônimos que surgem na estrada e a corrida de Buenos Aires, a conversa nos deixa sempre lacunas para completar, o que nos leva a, volta e meia, encarnar o nós da voz narrativa. Em diversos momentos somos nós, leitores e leitoras, que vamos no banco traseiro do táxi, espiando os olhares de Elias e Fernando pelo retrovisor, esperando uma brecha para ingressar na conversa, para quebrar o gelo, para determinar que já é hora dos irmãos fazerem as pazes.

Além da oposição entre o silêncio e a fala, alguns símbolos importantes permeiam o romance. Os óculos e o boné de jóquei de Carlito acompanham os irmãos, que, dessa forma, continuam herdando os pertences e imitando o estilo do irmão mais velho. Na casa da infância, que eles visitam antes de partirem em viagem para se despedirem da mãe, reside ainda o guarda-roupas em que todos se esconderam para chorar ou para ficar a sós, em outros tempos. Mas são, sobretudo, os cavalos que unem os irmãos: Carlito, cuja profissão se dá na relação com o bicho, Elias, que conversa com eles no plano do fantástico, e Fernando, que assume o comportamento calado e arreado de um desses animais.

É interessante destacar, em relação à simbologia que Altair Martins confere ao cavalo em *Os donos do inverno*, que esse animal faz parte da cultura do Sul, tendo acompanhado a história da região desde a colonização espanhola e europeia; inclusive, o cavalo crioulo foi introduzido pelos espanhóis, no século XVII, e é ainda hoje o animal símbolo do Rio Grande do Sul. A figura do gaúcho montado em seu cavalo, cruzando o pampa, é o princi-

pal elemento de conexão entre as culturas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, o que torna esse estado brasileiro mais próximo dos países *hermanos* do que de outros estados do seu próprio país. A narrativa do escritor gaúcho recria essa imagem à medida que nos leva a cruzar o pampa, não na garupa, mas na carona dos três irmãos. Com eles, em especial com Elias, conhecemos a riqueza natural da paisagem e também a devastação sistemática e violenta produzida pela ação humana.

Milhares de quilômetros depois, atravessamos o pampa, o frio, as memórias e chegamos a Buenos Aires para assistir ao páreo. Ali, ao apagar das luzes da última carreira da noite, não só Carlito, conhecido por correr bem no frio, mas os três irmãos, juntos, são os donos do inverno. Sentamos nós, leitores e leitoras, ao lado deles, nos bancos do Hipódromo Argentino de Palermo, e conseguimos enfim costurar os pedaços de histórias e sentimentos que pareciam ter ficado espalhados nos quilômetros percorridos, na travessia de que nos falou Guimarães Rosa, em outras paisagens. Conseguimos, também, espiar o futuro a partir de um novo ponto de partida.

Autor e narrativa

Altair Martins é um escritor gaúcho, nascido em Porto Alegre, e já publicou várias obras: os romances *A parede no escuro* (2008) e *Terra avulsa* (2014); os livros de contos *Como se moesse ferro* (1999), *Dentro do olho dentro* (2002), *Se choverem pássaros* (2002), e *Enquanto água* (2011); as peças de teatro *Guerra de urina* (2018) e *Hospital-bazar* (2019). Os donos do inverno, publicado em 2019, é o livro que apresentamos aqui, um romance no qual os laços afetivos e a relação entre irmãos se tornam motes estruturantes do enredo.

Mais sobre

O romance é uma narrativa longa, escrita em prosa, na qual ganham contorno elementos definidores da narratividade: personagens (os seres de papel que vivenciam o mundo ficcional); espaço (os ambientes em que a história se desenrola); tempo (tanto o tempo histórico quanto o tempo que transcorre na história); narrador (a voz que organiza a narrativa); enredo (a organização dos acontecimentos da história). O romance – assim como o conto e a novela –, na sua origem, se relaciona ao gênero literário épico, pois ambos trazem narratividade, ou seja, contam histórias. No século XIX, no momento literário chamado Romantismo, as narrativas longas (primeiramente publicadas em folhetim) ganharam fôlego e adesão do público leitor, sistematizando, desde então, o que chamamos de romance. Apropriando-se da narratividade e da representação, o romance tem sido espaço textual de muitas criações artísticas, permitindo a renovação dos modos de narrar.

Indicação de leitura: REIS, Carlos.

O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

Mais sobre

A definição de enredo é bastante simples: trata-se do conjunto de fatos que compõem uma história; ao enredo estão associadas outras palavras, tais

A **estrutura narrativa** é simples e, à medida que avançamos na leitura, encontramos indicações precisas acerca do **tempo e do espaço**: há um excerto que nos diz exatamente o ano em que houve o acidente de Carlos (em 1991) e lemos, também, sobre a passagem do tempo, sobre quantos anos depois da morte de Carlos a viagem de Elias e de Fernando, rumo a Buenos Aires, acontece (em 2015). Além disso, os capítulos do livro fazem as vezes de roteiro de viagem ou até mesmo de um diário de viagem, indicando a localização dos personagens e, frequentemente, descrevendo paisagens.

Por outro lado, a construção da voz narrativa é complexa e se apresenta como recurso ficcional que merece atenção. Muitas vezes, a literatura – assim como a arte – transgride suas próprias regras e definições. No caso do romance *Os donos do inverno*, os conceitos de narrador em primeira ou terceira pessoa são insuficientes, pois o livro transita entre essas definições, oscila entre os recursos e os mistura.

Vejamos um trecho para exemplificarmos: Enquanto avança pelos corredores do supermercado, dobra esquinas, espanta pessoas, o Fernando se sente sozinho com aquelas lembranças que nos separam como irmãos: longe do Carlos, depois do acidente; longe do Elias, depois do Carlos. Neste excerto, no começo da sentença, aparentemente temos um narrador em terceira pessoa, afinal, refere-se a Fernando como “ele”; inclusive, essa voz narrativa mergulha na interioridade do personagem, acessando seus sentimentos, desvendando sua solidão. Em seguida, nos deparamos com o “nós”: “lembranças que nos separam”. No entanto, quem enuncia esse “nós” também

como intriga, ação, trama, história. Todas elas determinam o que é contado na narrativa. GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

Mais sobre

Essa expressão indica a mecânica textual e discursiva utilizada em um texto narrativo. No caso da literatura, a mecânica narrativa vai ao encontro da mecânica ficcional, e nós, leitores e leitoras, podemos observar a organização do texto (por exemplo, narrativa linear, não linear, fragmentada) e voz narrativa, ou seja, como os fatos são narrados.

Mais sobre

Tempo e espaço são dois elementos da narrativa. Podemos observar, na mecânica ficcional, o tempo que transcorre na narrativa (horas, dias, meses, anos) e o tempo em que os fatos narrados estão inseridos; há, também, o tempo psicológico, o qual pode contrastar com os outros dois. O espaço, por sua vez, são os ambientes nos quais a história acontece. **Indicação de leitura:** GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

não é Elias nem Carlos, que são referidos na continuidade do texto.

Trazemos mais um exemplo: Mas entende aonde vamos e que ele, o motorista Fernando, precisa dirigir o carro, e que o Elias volta a sofrer da falta, e que então os anos não tinham passado porque desperdiçamos quase tudo. Mas agora que o Fernando trouxe o táxi, dirigir nos parece mesmo encurtar distâncias. Aqui, na primeira sentença, temos uma voz narrativa que se assemelha a um narrador em terceira pessoa, pois refere Fernando e Elias como “eles”; depois, há um verbo que inclui todos os personagens, indicando primeira pessoa do plural – “nos parece”. Em alguma medida, esse nós é dito por Fernando, por Elias e também por Carlos, como se eles compartilhassem a voz que narra a viagem.

Lemos o romance e concordamos com o que um dos personagens diz: Dirigir parece encurtar distâncias. Encurta-se a distância entre tempo presente e tempo passado; entre vida e morte; entre identidades. Por isso, as vozes se sobrepõem, se misturam, se somam: porque a distância entre os três irmãos foi encurtada. E há mais uma distância desfeita pelo recurso utilizado por Altair Martins: entre texto e leitor/leitora. Não há dúvidas de que embarcamos em Porto Alegre com Carlos, Elias e Fernando e desembarcamos com eles mais de mil quilômetros depois, em Buenos Aires.

Temas relacionados à identidade

No tempo e espaço escolar, quando recepcionada pelo público adolescente, a literatura assume papel de mediadora entre os sujeitos que vivem intensas transformações e o mundo que já está posto, participando, assim, da elaboração dos novos sentimentos inerentes a essa fase, tudo isso através da identificação que se dá entre leitores/leitoras e protagonista. Tendo em vista esse processo de identificação que é inerente ao ato da leitura, Filipouski e Marchi (2009, p. 28) assinalam a necessidade de que os currículos contemplem uma progressão curricular orgânica não só dos conteúdos, mas também das leituras literárias:

Um currículo a ser estabelecido para a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, tendo o texto literário como centro, pretende responder às demandas de linguagem crescentes dos alunos, conforme vão amadurecendo sociocognitivamente e ampliando seus horizontes de ação social. A maior complexidade dos textos e, portanto, das competências de linguagem envolvidas no ensino, está correlacionada não a fatias ou fragmentos da língua e seu funcionamento, mas ao fato de que os alunos, à medida que amadurecem, estarão diante de inquietações e desafios mais amplos.

Nesse sentido, *Os donos do inverno* aborda temas que estão em consonância com uma proposta curricular atenta às observações listadas pelas autoras, à medida que coloca em destaque aspectos essenciais do amadurecimento dos e das estudantes na etapa do Ensino Médio.

No âmbito da vida pessoal, a narrativa se desdobra a partir dos temas **Projetos de vida** e **Inquietações da juventude**, os quais emergem na figuração dos dois personagens masculinos que revisitam o passado, buscando reconciliação. Sugerimos, ainda, o eixo temático **Ficção, mistério e fantasia**, cujos elementos auxiliam a interpretar os diálogos de Elias com os cavalos.

O tema **Projetos de vida** está presente no romance porque Elias e Fernando tentam encontrar um novo horizonte para viver, tentam estabelecer um novo vínculo afetivo (ou restaurar o vínculo que existia, no passado). Quando encerravam a adolescência, às vésperas de entrar na idade adulta, Elias e Fernando perderam o irmão Carlos em um acidente. Atravessados pelo luto e pelo trauma dessa perda, já adultos, os irmãos vivem à deriva, sem vínculo entre si, sem vínculo com a mãe, sem sonhos e desejos desenhados, sozinhos em suas casas e em suas dores. Por isso, a viagem de carro se torna símbolo de um projeto de vida: eles estarão em movimento pelas estradas e pela memória – *E quando deixamos o apartamento, e quando entramos no táxi, sabemos que o passado se mostrará exigente.* No carro, estarão Elias e Fernando, mas também Carlos, presentificado tanto pelas memórias quanto pelos seus ossos.

A viagem é como a síntese do viver: é preciso olhar para quem somos, é preciso trabalhar nossas dores para que, assim, possamos desejar novos horizontes. Toda vida implica a finitude, a morte – a qual será tópico de reflexão no romance, afinal, eles perderam um irmão: Parece que o bicho entende da morte mais que o ser humano. Os bichos simplesmente aceitam como algo da natureza. A gente não tem essa resignação. Para esses dois personagens, a viagem será um trajeto para reencontrar o viver, em especial a alegria de viver.

Ainda relacionado ao tema **Projetos de vida**, sugerimos, também, uma reflexão (urgente e necessária) sobre a masculinidade: para esses dois homens, é muito difícil falar sobre seus sentimentos (destacamos o capítulo 19, “Hotel Brasil”); para esses dois homens, depois da morte do irmão, o silenciamento e o isolamento deram o tom às suas vidas. Por meio do reencontro e do enfrentamento do passado, um novo projeto de vida será possível: Interessa mais ainda que possamos conversar, depois de tanto tempo, sobre qualquer coisa até que um acalme o outro, é isso. Para essa conversa finalmente existir, é preciso que cada um acesse os sentimentos reprimidos ao longo dos anos, permitindo, assim, o transbordamento dos afetos.

O tema **Inquietações da juventude** surge em quase todos os deslocamentos para o passado, sempre que Elias e Fernando acesam suas memórias. As paisagens que encontram convocam as lembranças. No Farol da Solidão, a briga com os pescadores convoca a recordação de uma briga na adolescência; na estrada, ao ouvirem determinada canção, uma festa da adolescência se faz presente; a festa, por sua vez, traz a imagem do pai – Vamos lembrando de tudo. A brabeza do pai com o Elias e o discurso sobre cuidar das roupas [...]. Já adultos, esses dois homens se lembram dos meninos que foram – os três irmãos. As inquietações da juventude são as competições entre irmãos que disputam a atenção dos pais; a competição por atenção das garotas; a busca por popularidade entre os amigos. Enfim, tudo que faz parte da adolescência.

Por fim, trazemos o tema **Ficção, mistério e fantasia** para pensarmos sobre a relação do personagem Elias com os cavalos. Já nas primeiras páginas do romance, quando acontece o reencontro

dos irmãos, Elias diz: Segue aquele cavalo. Será o primeiro momento em que nós, leitores e leitoras, vamos experienciar o estranhamento diante da ficção. E depois leremos: a mãe Marlene pedindo ajuda porque o filho Elias andava falando com os cavalos. Em mais de uma situação, Elias conversará com os cavalos, e o fará por meio de uma tosse, uma tosse gutural, tão animalesca que o Elias tem de abrir os lábios e expor os dentes de cima e de baixo. Era a língua dos cavalos.

Esse fato pode ser interpretado, se assumirmos uma perspectiva realista, como uma questão psicológica do personagem Elias, o qual, desde jovem, conversa com cavalos, justamente o elemento mais expressivo da personalidade do irmão Carlos, um jóquei.

Por outro lado, podemos fazer um pacto com o mistério e com a fantasia e, desse modo, assumir que, de fato, Elias conversa com os animais. De um modo ou de outro, se torna muito interessante analisarmos o que isso indica sobre Elias, um alguém que mantém vínculos com animais, mas vive sozinho; um alguém que conversa justamente com o animal que se associa ao falecido irmão.

Mais sobre

É possível relacionar *Os donos do inverno* à corrente artística intitulada Realismo Fantástico. Há uma vasta tradição na literatura latino-americana de autores e autoras que usam elementos fantásticos em suas narrativas, como o escritor argentino Jorge Luis Borges em seus contos, o colombiano Gabriel García Márquez no romance *Cem anos de solidão*, e o brasileiro Murilo Rubião, também nos contos.

Literatura na escola significa livro na mão

Caro professor, cara professora, percorremos um bonito caminho com Altair Martins. Você deve ter percebido como, através de uma viagem de carro, o autor nos leva a conhecer as dores do distanciamento e do luto, bem como a alegria do reencontro. Elias e Fernando revisitam memórias, e nós, leitores e leitoras, também pensamos sobre o tempo passado, sobre aqueles que perdemos no caminho. Cada paisagem encontrada pelos personagens convoca uma lembrança que nos convida a traçar o nosso próprio mapa afetivo, a cartografia dos nossos sentimentos. Nosso conselho é: aceite o convite. Visite seu passado e embarque na viagem pelo Sul do país e da América Latina junto com os e as estudantes. A emoção que a literatura desperta em você é certamente o convite que eles

e elas, por sua vez, esperam receber.

Até aqui cumprimos também um itinerário produtivo: lemos *Os donos do inverno*; idealizamos atividades e projetos para serem desenvolvidos em sala de aula, sempre vinculados à BNCC; mergulhamos nas especificidades da narrativa, verificando, entre outros aspectos, a construção dos personagens, os atravessamentos temáticos e alguns conceitos que dialogam com a obra. Chegou o momento, agora, de buscarmos aprofundamento sobre as especificidades da literatura na escola. Com essa etapa, nosso objetivo é subsidiar o trabalho pedagógico com a leitura literária no tempo e espaço escolar.

Para começar nossa conversa, listamos algumas ações pertinentes no momento de planejarmos: a) observar a identidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (é relevante considerarmos a subjetividade dos e das estudantes e dos e das docentes); b) verificar em qual contexto o sujeito leitor está inserido; c) analisar a lista de objetivos do componente curricular; d) relembra as especificidades de conceitos basilares, tais como língua, linguagem, literatura, variação linguística, norma-padrão, gêneros discursivos, gêneros literários, fruição, intertextualidade, letramento, multiletramentos.

Duas perspectivas têm contemplado os aspectos mencionados: a **educação linguística** e a **educação literária**. Ambas vão na contramão da listagem de conteúdos, das definições teóricas isoladas e descontextualizadas, da memorização de informações e da repetição acrítica do **cânone**. Ao assumir a educação linguística e literária como horizontes, desejase, na verdade, contextualizar o

Mais sobre

No artigo "Tarefas da Educação Linguística no Brasil" (2005), Marcos Bagno e Egon de Oliveira Rangel descrevem a educação linguística como um conjunto de fatores socioculturais que possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento sobre a língua materna. Ou seja, as interações sociais contribuem para essa educação, e a escola desenvolve essa educação linguística institucionalizada.

Mais sobre

Assim como a educação linguística traz os textos como protagonistas, a educação literária prevê a literatura como centralizadora: os saberes e as atividades emergem da leitura literária ou solicitam leitura literária.

Para saber mais: LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Mais sobre

A palavra **cânone** está presente em vários campos do saber, da música ao direito, sempre mantendo a ideia de regras, modelos e preceitos. No campo

uso da língua, prevendo atividades de leitura e produção de textos (orais e escritos) inseridas em reais situações de comunicação.

Dessa forma, práticas de **letramento** são construídas, pois os sujeitos selecionam as habilidades de leitura e de escrita e as relacionam com as necessidades, com os valores e com as práticas sociais. Ou seja, o letramento é um conjunto de práticas que explicitam e mobilizam o ato de ler e o ato de escrever, tendo em vista características e saberes que respondem às perguntas *o que se escreve/lê, como se escreve/lê, quando se escreve/lê, por que se escreve/lê*.

O leitor e a leitora, ao degustar as palavras de diferentes formatos textuais, escolhem procedimentos particulares e firmam pactos de leitura únicos. Portanto, promover momentos de leitura, na escola, solicita que nós, docentes, tenhamos clareza acerca do perfil leitor em pauta: para cada gênero discursivo, um conjunto de competências, habilidades e saberes será mobilizado; e para realizar a leitura literária (para lermos cada um dos gêneros literários – poesia, conto, romance, teatro), outro conjunto de competências, habilidades e saberes será mobilizado. Mesmo com as especificidades, alguns aspectos serão compartilhados, os quais interessam à educação linguística e à educação literária.

A leitura literária carrega algumas potencialidades específicas, e as ideias da pesquisadora Michèle Petit nos ajudam a compreender o poder das palavras. No livro *Os jovens e a leitura*, ela defende que a leitura incita a construção de si mesmo; fortalece a apropriação da língua; possibilita acesso a diversificados conhecimentos; amplia o horizonte de referência; desenvolve diversificadas formas de sociabilidade; auxilia a elaborar relações sociais democráticas e

literário, o cânone é uma seleção de autores e de obras aos quais sistemas oficiais de saber (como as universidades) atribuem valor. Por exemplo, Machado de Assis e *Dom Casmurro* são canônicos. Com o tempo, tendo em vista a presença de novos modos de pensar (como os estudos culturais), foi possível compreender que tal atribuição de valor é uma escolha e que toda escolha representa também exclusões. Nesse sentido, no tempo e espaço escolar, se torna interessante apresentarmos autoras e autores cujas obras não são canônicas, ou seja, publicações recentes que não recebem (ainda ou talvez não venham a receber) a validação acadêmica – o que não significa, de modo algum, ausência de qualidade. **Sugestão de leitura:** *Abrir ou fechar mundos: a escolha de um cânone*, de Cecília Bajor (2012).

Mais sobre

Sugerimos a leitura de textos escritos por Magda Soares, por exemplo, o livro *Letramento: um tema em três gêneros* (2017).

cidadãs (Cf. PETIT, 2009a, p. 100).

Essa lista de características seria uma das muitas justificativas para contemplarmos a leitura literária em nosso planejamento escolar. Mais que isso: as atividades aqui apresentadas funcionam como um holofote sobre o livro *Os donos do inverno*, porque fazem as vezes de mediação, auxiliando os leitores e as leitoras a mergulharem na ficção. Lemos o romance e, ao viajar com Carlos, Elias e Fernando, revisitamos nossos próprios percursos espaciais e afetivos; lemos o romance e, ao vivenciarmos a relação profunda que Carlos e Elias têm com elementos da natureza, repensamos nosso papel como seres humanos num mundo já bastante devastado; lemos o romance e, desvelando suas camadas interpretativas, ampliamos nossas referências acerca do fazer literário. Ainda, nossos e nossas estudantes, ao percorrerem com os irmãos o longo e penoso trajeto de revisão do passado, têm a oportunidade de projetar seu futuro, reconhecendo desde agora as relações que solicitam cuidado.

Quando falamos em literatura na escola, a estratégia mais acertada é valorizar, antes de tudo, o encontro com o ler e com a linguagem artística, postura que pode ser traduzida para um alargamento das práticas pedagógicas, tentando descartar o utilitarismo e os pretextos pedagógicos confeccionados a partir da leitura literária. Daí emerge a importância do planejamento, da apropriação de conceitos teóricos e da criatividade do professor e da professora para compor e propor atividades que acontecem antes, durante e após a leitura, sempre permitindo a inscrição da subjetividade dos e das estudantes.

Listamos aqui algumas posturas pertinentes para promover o encontro com a literatura na escola: 1) habitar a escola com livros; 2) oportunizar variadas situações de leitura; e 3) conversar sobre os livros. Ao assumirmos tais princípios, poderemos repensar o conhecimento enciclopédico (a lista de informações sobre períodos literários, apresentados por meio de quadros com características cristalizadas) e priorizar o desenvolvimento da **competência lei-**

Mais sobre

Esse termo é usado por Teresa Colomer no livro *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Em linhas gerais, a autora explica que nossa preocupação, enquanto docentes, deve priorizar o desenvolvimento da competência leitora, ou seja, da capacidade de interpretar os livros literários.

tora dos e das estudantes. A convivência com os livros, as muitas práticas de leitura e principalmente a conversa sobre o que foi lido permitem “uma relação afetiva, emotiva e sensorial com o livro, [e] não apenas cognitiva” (PETIT, 2009b, p. 58).

O livro é um convite: do planejamento à leitura

Tudo bem, você deve estar pensando, mas siga me perguntando: como planejar? Alguns procedimentos podem nos auxiliar a organizar as ideias: abordar diferentes habilidades de leitura literária; propor leitura de gêneros literários variados; planejar leituras progressivamente mais complexas; apresentar bons exemplos de leitura em colaboração; realizar releituras; demandar leitura extensiva; oportunizar leitura individual supervisionada; estimular a leitura recreativa; promover momentos de síntese de aprendizagem. Se você, professor e professora, retornar às atividades aqui apresentadas, verá que elas contemplam esses procedimentos.

Nas atividades que aqui apresentamos, demos ênfase a circunstâncias de aprendizado que provocam transbordamento de subjetividade. A ideia é resistir à objetividade e à impessoalidade que se tornam paradigmas escolares, especialmente no Ensino Médio. Enquanto na infância as aulas valorizam as vivências e as experiências dos pequenos e das pequenas estudantes, na juventude, nas séries finais da escolarização, quantificamos saberes, empilhamos informações e miramos provas externas, como o vestibular. Em resumo: “Na escola, por um longo período, estudou-se literatura como algo exterior, que não é vivido” (PETIT, 2009b, p. 63), apartando corpo, emoção e sentimento da ideia de estudo.

Ao ler e escrever, enfrentamos e forjamos uma linguagem potencialmente subjetiva, pois “cada um constrói sua própria casa de palavras” (REYES, 2012, p. 24). Nesse sentido, ler um texto literário significa, também, senti-lo (para além do cognitivo, para além da razão, isto é, com o corpo e com a emoção, como sugerido acima). A inscrição da subjetividade no ato de escolher, de ouvir, de realizar e de conversar sobre a leitura abre caminho para construirmos um ensino de literatura que prevê experiências: “A experiência é

o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2018, p. 18), ou seja, a experiência é aquilo que consegue comover e mobilizar os sujeitos, colocando-os em movimento, convidando-os a sentir e a refletir.

Na escola, lemos com os outros e, conseqüentemente, multiplicamos, pluralizamos sentidos. A ideia de coletividade pode trazer outro sabor para a leitura literária, tentando recuperar práticas desvalorizadas e preteridas na contemporaneidade. Sendo assim, o esforço docente (traduzido em propostas pedagógicas) para oportunizar a emergência de uma comunidade de leitores se torna muito pertinente e reitera a leitura como um espaço de partilha. E essa partilha terá o acompanhamento do professor mediador e da professora mediadora.

Mediadores e mediadoras de leitura são sujeitos entusiasmados! Com entusiasmo, dia após dia, carregam livros, dissertam sobre personagens, devaneiam acerca de enredos. Os professores mediadores e as professoras mediadoras de leitura são, antes de tudo, leitores e leitoras de literatura. Para convidar um jovem a experimentar a leitura literária, antes de tudo, eu devo experimentá-la. Lembre-se de aceitar o convite!

Como já mencionado, habitar a escola com livros é o primeiro passo para aproximarmos estudantes da leitura literária; entretanto, tendo em vista a história de vida de muitos e de muitas jovens, isso pode ser insuficiente. Conversar sobre a leitura e ponderar acerca das interpretações, das sensações e dos sentimentos por ela suscitados compõem postura indispensável para que, na escola, a leitura literária conquiste relevância. Como nos ensina Cecília Bajour, no livro *Ouvir nas entrelinhas*: “falar dos textos é voltar a lê-los” (BAJOUR, 2012, p. 23). Ou seja, em alguma medida, falar sobre aquilo que lemos (do mesmo modo que conversamos sobre filmes e séries) nos auxilia a interpretar e desvendar sentidos, organizando nossas ideias e sensações.

Dessa forma, na escola ou fora dela, a leitura literária solicita uma “adesão viva”, pois o leitor e a leitora, ao enfrentarem as páginas de um livro, expressam e inscrevem seus conhecimentos de

mundo. Passamos, assim, de uma ideia de leitor ideal à identidade de leitores e leitoras de carne e osso, os quais existem e interagem com o texto, com o mediador e a mediadora de leitura e com outros leitores e outras leitoras do mesmo livro. É assim que o leitor (tanto o/a estudante quanto o/a docente) usa a “contrapalavra” (BRITTO, 2015, p. 76), isto é, a capacidade de, diante da autoria do texto, posicionar-se criticamente.

No tempo e espaço da sala de aula, assumindo o letramento como horizonte, professores e professoras podem propor atividades que proporcionam, justamente, o uso da “contrapalavra”. Após lerem as últimas palavras do livro ou enquanto passeiam pelo livro, o que os e as estudantes sentem? Quais associações e relações elaboram? O que eles e elas pensam sobre os personagens e sobre a história narrada? De que maneira se relacionam com a linguagem do texto? A organização de tais provocações e das respostas para essas perguntas pode acontecer por meio de conversas – como nos sugere Cecília Bajour –, mas também por meio de exercícios de escrita. É nesse momento que o convite à autoria acontece: escrever textos dos mais variados gêneros.

Se voltarmos às atividades aqui apresentadas, perceberemos que cada uma das etapas descritas (*pré-leitura*, *leitura* e *pós-leitura*) sugere momentos dedicados ao ler e ao escrever sempre de modo criativo, investindo na autoria dos e das estudantes. Ao realizar a leitura e segurar a caneta (ou digitar), eles e elas assumem a função de criadores, experimentando variados usos e formas de linguagem, de versos a parágrafos, de reescritas criativas a períodos argumentativos.

5. Sugestões de referências complementares

Campo da vida pessoal

O campo da vida pessoal, conforme definido pela BNCC, propõe que seja garantido um espaço para que os e as estudantes conheçam a própria condição juvenil. Para isso, é fundamental que professores e professoras relacionem suas práticas a produções que representem inquietações e curiosidades relacionadas a essa fase da vida, convidando à sala de aula narrativas protagonizadas por jovens que atuem como sujeitos de transformações individuais e sociais.

Nesse sentido, indicamos as seguintes obras para estabelecer um diálogo com *Os donos do inverno*:

- **Na natureza selvagem**, filme escrito e dirigido por Sean Penn.

Na natureza selvagem é um filme de 2007, adaptado do livro de mesmo nome, cujo autor é Jon Krakauer. Livro e filme contam a história real de Christopher McCandless, jovem que decidiu abandonar sua vida de classe média para viajar pelo país, em 1990. O protagonista fará o trajeto sozinho e recordará, durante a viagem, as muitas brigas dos seus pais e o quanto sofria; ao visitar diferentes paisagens, ele experimentará o contato direto com a natureza, assim como os personagens do romance *Os donos do inverno*. Em ambas as narrativas, a viagem é um movimento que permite relembrar o passado e reconhecer a si mesmo.

- **Guadalupe**, *graphic novel* com roteiro de Angélica Freitas e desenhos de Ody

Nesta narrativa gráfica, conhecemos a personagem Guadalupe, uma jovem mexicana que iniciará uma viagem cujo trajeto

irá da Cidade do México a Oaxaca. O motivo é bastante dolorido e se relaciona intensamente com o romance *Os donos do inverno*: Guadalupe levará o corpo da avó, morta em um acidente de trânsito, para ser enterrado na sua cidade natal. Temos, portanto, semelhanças e diferenças com o livro escrito por Altair Martins: enquanto no romance os protagonistas são homens, em *Guadalupe*, temos personagens femininas (neta e avó); enquanto os irmãos levam os ossos de Carlos para Buenos Aires, Guadalupe leva o corpo da avó para Oaxaca. Além de trazeremos o contraponto da representação feminina, por meio dessa leitura, conhecemos outra linguagem – os quadrinhos –, e o cenário se mantém a América Latina.

Campo de atuação na vida pública

O campo de atuação na vida pública, conforme definido pela BNCC, propõe que os e as estudantes percebam o mundo no qual estão inseridos. Ou seja, os e as jovens são convidados e convidadas a participar e atuar na política e na sociedade, o que pode ser realizado por meio do debate qualificado e ético de ideias, sempre tendo em vista direitos e deveres de todos e todas.

Nesse sentido, indicamos as seguintes obras para estabelecer um diálogo com *Os donos do inverno*:

- ***The mask you live in***, documentário dirigido por Jennifer Siebel Newsom

Em tempos de promoção da igualdade de gênero e de incentivo ao protagonismo feminino, faz-se fundamental revisitar o conceito de masculinidade. O documentário *The mask you live in* é um convite aos e às estudantes para que reflitam sobre as cobranças que a nossa sociedade exerce também sobre os meninos, desde a infância, e suas consequências. Embora o filme focalize a cultura americana, podemos estabelecer relações importantes com o romance *Os donos do inverno*, já que um tema relevante que diz respeito às duas obras é a forma como os homens são educados para lidar com os próprios sentimen-

tos, principalmente mágoas e afetos. Em território nacional, temos o documentário *O silêncio dos homens* (2019), produzido pelo coletivo Papo de Homem.

Trailer do documentário *The mask you live in*, disponível em: <https://youtu.be/LS8bwOesLjA>

O silêncio dos homens, disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo>

- **Projeto Mapbiomas**

O Projeto de Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo no Brasil, ou MapBiomias, é o resultado da reunião de uma rede colaborativa de especialistas que se propõem a produzir mapas anuais de cobertura e uso do solo do Brasil e da sua dinâmica de mudanças. Na página do projeto, que tem acordo de cooperação técnica da Google, além da colaboração de ONGs e universidades para a alimentação dos dados, podem ser encontrados infográficos com informações completas e atualizadas sobre os biomas brasileiros, entre eles o pampa, cenário de *Os donos do inverno*. A partir desse material, é possível propor aos e às estudantes a realização de atividades interdisciplinares com os componentes de Geografia e Biologia, além da exploração do universo de paisagens retratadas em romances produzidos em nosso país, nas mais diversas épocas.

Disponível em:

<https://mapbiomas.org/>

<https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/Infograficos/Colecao5/MBI-Infografico-pampa-5.0-BR.jpg>

Campo das práticas de estudo e pesquisa

O campo das práticas de estudo e pesquisa, conforme definido pela BNCC, propõe apresentar e sistematizar saberes que tenham como eixo práticas relativas ao estudo e à pesquisa, tendo em vista as especificidades do pesquisar.

Nesse sentido, indicamos as seguintes obras para estabelecer um diálogo com *Os donos do inverno*:

- **A estética do frio**, ensaio de Vitor Ramil

Em 2003, em um evento que ocorreu em Genebra, na Suíça, Vitor Ramil apresentou um ensaio no qual explica “a estética do frio”. Ao se dedicar a pensar traços culturais do Sul do Brasil, bem como de regiões do pampa, o artista reflete sobre as relações entre tempo, espaço e criação artística. A estética do frio se faz interessante para estabelecermos chaves de leitura para o romance *Os donos do inverno* porque, para além do título e do frio enfrentado pelos personagens, trata-se de uma narrativa cujos cenários estão no Sul do Brasil.

- **A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana**, artigo escrito por Letícia Fonseca Richthofen de Freitas e Rosa Maria Hessel Silveira

No romance *Os donos do inverno*, lemos a história de três personagens homens que vivem em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Eles experimentarão uma viagem cujo itinerário sairá dessa cidade e terá como destino Buenos Aires. Em mais de uma cena do romance, alguns hábitos culturais locais são descritos, por exemplo, o chimarrão. Nesse sentido, analisar a relação da identidade gaúcha com a América Latina se torna muito interessante, e o artigo aqui sugerido traz, justamente, um estudo sobre essas identidades. A partir do texto científico, será possível, por exemplo, ampliar o repertório de leitura e selecionar outras obras literárias.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/382/279/>

Campo jornalístico-midiático

O campo jornalístico-midiático, conforme definido pela BNCC, propõe que os e as estudantes pensem sobre as especificidades da informação e da opinião. Dessa forma, eles e elas são inseridos no mundo por meio dos gêneros discursivos pertencentes à esfera jornalística.

Nesse sentido, indicamos as seguintes obras para estabelecer um diálogo com *Os donos do inverno*:

- **Entrevista com Altair Martins**, realizada pela rádio da UFRGS

Conhecer os e as artistas e descobrir informações sobre seus processos criativos (do projeto do livro ao resultado final) são ações muito divertidas, embora não devamos restringir a interpretação dos livros àquela antiquada ideia “o que o autor quis dizer”. Ouvir as ideias e compreender as percepções dos autores e das autoras é um processo que agrega chaves de leitura à recepção, como se o escritor e a escritora, depois de finalizar a obra, também se tornassem um leitor e uma leitora. Nesse sentido, sugerimos ouvir a entrevista com Altair Martins, realizada pela rádio da UFRGS, para que possamos ampliar ainda mais o nosso horizonte de leitores e leitoras.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203661>

- **On the road e a experiência da estrada**, podcast de Chá das Cinco com Literatura

On the road, o famoso livro publicado pelo escritor americano Jack Kerouac em 1957, é considerado o precursor dos *road books*, que se tornaram um gênero da literatura frequentemente revisitado por escritores e escritoras do mundo inteiro. Neste romance de inspiração autobiográfica, dois amigos botam o pé nas estradas dos Estados Unidos e do México e suas aventuras se tornam o símbolo da famosa geração beatnik. É interessante levar à sala de aula a gênese de *Os donos do inverno*, já que dialoga com o clássico americano pela perspectiva do gênero. Para realizar esse intertexto, nossa sugestão é o episódio *On the road e a experiência da estrada*, do podcast de Chá das Cinco com Literatura. O programa apresenta detalhes da obra e debate suas influências na literatura, no cinema (com os *road movies*) e também na vida real de mochileiros e mochileiras que têm a estrada como segundo (ou primeiro) lar.

Disponível em:

<https://chadascincocomliteratura.com/2017/04/29/09-on-the-road-e-experiencia-da-estrada/>

Campo artístico-literário

O campo artístico-literário, conforme definido pela BNCC, propõe levar os e as estudantes a ampliar o repertório de leituras, apropriando-se delas através de algumas atitudes fundamentais: engajamento crítico, seleção de obras significativas para si, apreensão dos níveis de leitura e atualização do sentido de cada texto com que tenham contato.

Nesse sentido, indicamos as seguintes obras para estabelecer um diálogo com *Os donos do inverno*:

- *Três sombras*, *graphic novel* de Cyril Pedrosa

Nessa narrativa gráfica, conheceremos a história de um pai e de um filho e desvendaremos as dores do luto e a resistência à morte. De modo lírico e simbólico, Cyril Pedrosa nos apresenta uma narrativa cujo tom convoca as fábulas. Ao ler, vivenciamos junto com esses dois personagens uma viagem que representa, entre outras possibilidades, a fuga da morte ou o processo de aceitação da finitude. *Três sombras* dialoga com *Os donos do inverno* porque nos apresenta, por meio da arte, algumas das características mais humanas: o amor e a morte. A *graphic novel* faz isso de modo sutil e leve, com lindos desenhos e muito lirismo.

- *Campos Neutrais*, álbum de Vitor Ramil

Parte do território do Rio Grande do Sul, onde hoje é a região do Taim, Santa Vitória do Palmar e Chuí, recebeu o nome de Campos Neutrais, há duzentos e quarenta anos, com o tratado de Santo Ildefonso, assinado entre Portugal e Espanha. O documento decretou que essa região seria um território neutro dos conflitos. Aproveitando essa história, o músico e compositor Vitor Ramil lançou, em 2017, o álbum *Campos Neutrais*, reme-

morando a ideia de liberdade de um lugar sem fronteira. Toda a estética do álbum, desde o nome até a mistura de músicos brasileiros e argentinos, dialoga com a viagem dos irmãos de *Os donos no inverno*. Alguns trechos, em especial, parecem a trilha perfeita para a obra, como esses versos de “Labirinto”:
“Tô viajando em loucos descaminhos/Como uma gota d’água num absinto/Sem árvores, sem pouso, sem um ninho/Sou pássaro de um mundo indistinto”.

6. Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

Reunião de conferências ministradas pela autora, em diferentes épocas e lugares, o livro traz algumas das ideias mais expressivas de Cecília Bajour, entre as quais está a importância de conversarmos sobre o que lemos, porque, quando o fazemos, um novo ato de ler acontece, ou seja, novas construções de sentido. Tendo em vista a escola, a autora relembra o quanto são decisivas as figuras do mediador e da mediadora de leitura, os quais devem saber quando intervir e quando silenciar, sempre assumindo uma escuta sensível.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.

Neste livro, Rildo Cosson se dedica a pensar sobre o que define a leitura literária, sobre como lemos (priorizando contexto, texto ou intertexto) e sobre a presença do livro em sala de aula, propondo algumas perspectivas para o planejamento da mediação de leitura. É dessa forma que ele apresenta uma definição para letramento literário.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Ao revés do avesso: leitura e formação. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

Reunião de conferências ministradas e publicações antigas revisitadas, o livro versa, especialmente, sobre a relação entre leitura e autonomia; sobre as imagens e representações da leitura e do leitor; sobre a função exercida pela leitura. No texto “Promoção da leitura e cidadania”, Luiz Percival Leme Britto pondera sobre os programas e as campanhas de promoção da leitura e defende a busca de leitores e leitoras com olhar crítico, que assumam a “contrapalavra”.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura. Erechim: Edelbra, 2009.

Além de trazer explicações teóricas (definição de leitura literária, reflexões sobre a leitura no Ensino Médio, as especificidades da leitura literária e o comportamento do leitor e da leitora), as autoras apresentam, com detalhes, diferentes projetos de leitura, os quais selecionam temáticas e gêneros discursivos para serem trabalhados em atividades, na sala de aula.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Neste livro, Larrosa apresenta suas ideias para o conceito de experiência, definindo-a como um atravessamento, como algo que coloca os sujeitos em movimento. Além disso, ele se dedica a pensar as relações entre experiência e linguagem.

PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. 2ª edição. Tradução de Celine Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009a.

PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009b.

Michèle Petit é antropóloga e, em suas pesquisas, traz inscrições da psicanálise; ela não se dedica a pensar a literatura na escola, mas a investigar a leitura e, em especial, os leitores e as leitoras, sempre inseridos em espaço e tempo não institucionalizados. Seu principal interesse são os sujeitos leitores que vivem em ambientes rurais ou em situações de risco e deslocamento, tais como comunidades periféricas e imigrantes.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação*. Tradução de Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

O livro reúne conferências ministradas pela autora em diferentes épocas e lugares. Além de pensar sobre as definições e indefinições da literatura juvenil, Yolanda Reyes recupera a ideia de mantermos um vínculo afetivo com a leitura literária, principalmente a leitura realizada no tempo e espaço escolar; ela relembra que a literatura usa a palavra, e que os leitores e as leitoras (estudantes) são sujeitos que se apropriam da palavra, tornando-a sua, experimentando a subjetividade e a autoria.

Apesar de viverem perto um do outro, os irmãos Elias e Fernando se evitam há vinte e quatro anos. Mas um acontecimento inesperado força o professor Elias a pedir a ajuda de Fernando, taxista, para realizar o antigo sonho do falecido irmão mais velho. Lado a lado num táxi, eles terão de fazer como os puros-sangues e seguir em frente, correndo pelo frio do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina para levar os ossos do jôquei C. Martins até a grande noite do turfe em Buenos Aires.

"Altair Martins propõe discutir as estruturas afetivas da família brasileira. A relação entre os irmãos marca o distanciamento e a fratura social da nossa época."

Márcia Ivana de Lima e Silva

"Altair Martins é um dos mais surpreendentes escritores de sua geração."

José Castello

vienense